

Modernidade, progresso, ciência e pandemia

Modernity, progress, science, and the pandemic

Aercio Barbosa de Oliveira

Educador popular da OSC
FASE-Solidariedade e
Educação, Mestre em Filosofia
e integrante do Instituto de
Estudos Sociais e Conceituais
de Ciência, Tecnologia e
Sociedade.

aoaercio@gmail.com

Data de recebimento: 30/08/2020

Data de aceite: 08/10/2020

A modernidade nunca esteve livre do escrutínio no tribunal que ela mesmo criou. Suspeitas quanto à efetividade de suas promessas e a sua positividade nunca deixaram de alimentar o debate entre estetas, filósofos, cientistas sociais e intelectuais preocupados com a direção do mundo. Com a pandemia provocada pelo vírus Sars-CoV-2 essa desconfiança, desprezo ou negação ganham tons mais fortes, dramaticidade em um mundo agitado e impaciente. E no meio de todo esse falatório, uma questão se apresenta: é possível encontrar entre os feitos da modernidade os meios e as condições para solucionar nossas dores agravadas pela disseminação de um vírus, que ela mesmo produziu? Antes de qualquer veredito, se isso fosse possível, vale, mesmo que de maneira breve, caracterizá-la, indicar os fenômenos que a constitui e que dão vida ao nosso tempo.

Modernidade, a nossa época, carrega, como todas as épocas, características diferentes das que a precederam e, por ser resultado da experiência humana, no seu transcorrer sofrem modificações sutis ou radicais. Essas podem impulsionar a virada para uma outra época que será nomeado por aqueles mais distante da cena e dos primeiros transformadores. Há quem diga que essa transformação já ocorreu e que a modernidade já passou. Um debate que não cabe aqui e coloco-me entre os cúmplices da modernidade. Para descrever um tempo, dar a ele uma identidade, olhamos para as suas recorrências, seus modos. A ideologia do crescimento e progresso, o industrialismo e os feitos da tecnociência, o racionalismo e o utilitarismo, a inovação nas diferentes dimensões da vida são alguns dos fenômenos que, de maneira geral, provocam consenso entre os que analisam com acurácia a nossa era. Resumidamente, podemos sintetizar a modernidade como o período

que se instalou, paradoxalmente, a “tradição do novo”, onde “tudo que é sólido desmancha no ar”. Um tempo em que o presente é sempre a preparação para o futuro e não mais, simplesmente, o resultado de acúmulos pretéritos.

Ainda que se olhe para o planeta com seus diferentes modos de vida e cosmovisões, a modernidade, filha do Ocidente, da tradição judaico-islã-cristã, benevolente ou opressiva, é hegemônica. É recorrente e controverso a análise dos seus feitos. Para alguns ela é afável e benevolente ao moldar a democracia liberal, o pluralismo político, ideologias libertárias, os direitos humanos. É opressora e cruel, no mínimo cínica, ao justificar a colonização e o imperialismo, em que Estados e elites, do norte do continente europeu, submetem a maioria dos países e culturas. Dois fenômenos que encontraram o seu viço na modernidade e que nos ajuda a compreender parte dos sofrimentos espalhados desigualmente no mundo. A modernidade, traçando um paralelo com o postulado da ciência, fundada no alvorecer do século XX, que destronou a razão, é como uma pessoa, que potencialmente pode conservar e unir ou destruir e matar. A modernidade é o abrigo de Eros e Tãtatos, numa tensão infundável. Ora estão à espreita, maquinando, se digladiando, de prontidão, ora estão agindo separados ou juntos, consciente ou inconscientemente movimentando o mundo. Sendo assim, dentre os signos da modernidade aponto o progresso como aquele que melhor expressa o paradoxo da nossa era. O progresso é a combinação do unir e destruir, Eros e Tãtatos, num frenesi sem peias.

Progresso é um conceito e um ideal, justificativa e força motriz para comportamentos e realizações. Com isso, não é exagero considerar a causa das causas de microrganismos patogênicos terem “globalizado” o seu contágio com severidade entre seres humanos nas últimas décadas. Na última quadra do século XX, seja por vírus, bactéria ou fungo as doenças têm aumentado a sua presença entre nós. Endemias se tornaram mais presentes, paradoxalmente, num período da modernidade onde consolidamos a terceira revolução científica e, para os otimistas, com a combinação da biologia, robótica, nanotecnologia, computação e neurociência, nos aproximamos da quarta.

A primeira pandemia que temos conhecimento começou no ano de 541, no nordeste do Egito. Era a peste bubônica que, um ano depois, atingiu Constantinopla e, desde então, contribuiu para o declínio do Império Romano. De lá para cá muitas outras ocorreram com tamanha virulência até que o desenvolvimento da ciência produziu a vacina e remédios para erradicar ou minimizar as doenças provocadas por esses seres invisíveis à nossa visão natural. Tem chamado a atenção da comunidade científica, de ambientalistas e autoridades sanitárias, a quantidade de microrganismos que têm provocado endemias e doenças em animais que impossibilitam temporariamente o seu consumo – os casos mais conhecidos são a da “vaca louca” e, mais recentemente, a gripe suína na China. Só neste século, foram pelo menos nove epidemias maciças virais – SARS (Síndrome Respiratória Aguda Grave), Caxumba, Influenza H1N1, MERS, Ebola, Chikungunya, Zika, Febre Amarela e SARS-CoV-2.

Especialistas em epidemiologia, os que estudam zoonoses e de áreas afins, a maioria, concordam que continuaremos a sofrer cada vez mais, em intervalos relativamente menores, endemias e pandemias provocadas por microrganismos. Esses mesmos especialistas e autoridades sanitárias têm ampla concordância quanto aos procedimentos que se deve adotar para conter a transmissão e os efeitos desses patógenos à vida humana - devemos ser vigilantes, conscientizarmo-nos da importância de hábitos simples de higiene, os governos devem colocar dinheiro nas agências de saúde e de pesquisas para ampliar o conhecimento científico, criar vacinas e terapias etc. Contudo, o desacordo é grande quando se trata de propostas relativas à mudança da nossa maneira de se relacionar com a natureza. Afirmarções e diagnósticos que indicam que devemos rever ou abandonar a forma desarmônica que temos com natureza, justificada pela ideia do progresso, são posições dissonantes.

Contemporaneamente, a ideia de Francis Bacon, que pode ser encontrada em seu livro Nova Atlântida, de que a natureza deve ser investigada e subjugada para produzir a felicidade humana, foi levada ao extremo para saciar o desejo insaciável de consumir, permitam-me o oxímoro, e de enriquecer. É preciso sempre de mais terra, mais espaço, mais minerais, mais água e mais mar, mais tudo aquilo que estiver ao alcance da tecnologia para transformar natureza em artefatos ou coisas que gerem “valor” e “felicidade”. Essa absolutização

do progresso pode cair numa abstração se não se identifica seus principais promotores e fiadores. O desejo insaciável pode afetar qualquer pessoa, no entanto, a sua saciabilidade, sempre temporária, não se universaliza; todos podem pensar em radicalizar as ideias de F. Bacon para dominar a natureza e transformá-la, como um alquimista moderno, em “valor”; isso é uma realização para poucos. Esse é um “direito” reservado aos ricos e muito ricos, aos principais acionistas das corporações que dominam o mercado mundial de produção e distribuição de alimentos, de energia, de água, da expansão da fronteira espacial, da produção de produtos de tecnologias de informação e comunicação e manufaturas para o consumo popular. São os modos de essas corporações obterem valor que normalmente alteram o ecossistema. Mecanismos de exploração ou de produção extensiva de culturas (por exemplo, soja) ou de animais (suínos, bovinos etc.) eliminam fronteiras e destroem a biodiversidade. Como efeito, deslocam microrganismos e os colocam em contato com animais (principalmente aves, chimpanzés e morcegos) e, inevitavelmente, com humanos.

Ater-se resolutamente, portanto, a afirmações que olham para os efeitos e não procuram encontrar ao menos parte das causas; ou justificar, com base na teoria evolucionista, que os microrganismos sempre estiveram entre nós e ajudam a regular a coexistência de diferentes espécies a conter surtos de crescimento, inclusive da espécie homo sapiens, as considero argumentos equivocados. Há também aquelas ideias de que a morte deve ser assumida com naturalidade, por ser inevitável. Essa última posição de governantes, grupos políticos neofascistas, obscurantistas etc., faz parte do arranjo de conceitos como necropolítica, biopoder, tanatopolítica. Essa posição, que não será desenvolvida neste texto, serve para indicar que a ciência, a política e os negócios se entrelaçam e produzem consequências muitas vezes desagradáveis, aterrorizantes, brutais.

Durante a pandemia do SARS-CoV-2 circulou pelos meios de comunicação uma anedota científica envolvendo a antropóloga Margaret Mead. Não consegui conferir se a anedota aconteceu. Ela pode ter sido inventada, porém não deixa de transmitir uma ideia poderosa quanto ao princípio de uma civilização. Um aluno perguntou à antropóloga o que ela considerava ser o primeiro sinal de civilização numa cultura. Para ela, o primeiro sinal de civilização numa cultura antiga era um fêmur quebrado e cicatrizado. Mead explicou que no reino animal, se algum exemplar de uma determinada espécie quebrar a perna, morre. Algum predador devorará aquele suculento agregado de moléculas orgânicas que está imóvel ou cambaleando com sua dor, com poucas alternativas de fuga. Em tais condições, não é difícil inferir que nenhum animal sobrevive o tempo suficiente para recuperar a fratura. Daí Mead afirmar que um fêmur quebrado que cicatrizou é evidência de que alguém teve tempo para ficar com aquele que quebrou, tratou da ferida, levou a pessoa para um lugar seguro e cuidou dele até que se recuperasse. “Moral da história”: ajudar alguém durante uma dificuldade é onde a civilização começa, disse Mead.

A nossa espécie, com nossas capacidades cognitivas, pode encontrar os meios de conter ou alterar o ciclo natural da vida. Podemos evitar desastres, podemos ser solidários, mas ser mais forte fisicamente não significa se impor igual o leão na selva. Somos também natureza, mas temos capacidades distintas e não deveríamos nos envergonhar delas. Temos muito em comum com as coisas orgânicas não humanas. Uma que talvez seja a mais evidente é o perecimento ou, se quisermos abordar de um modo naturalista, a dissipação de energia, acompanhada de recombinações atômicas – lembremos da máxima de Lavoisier. Uma capacidade que nos distingue bastante das nossas companhias é a de conter nossos impulsos, através de códigos e padrões de sociabilidade que estruturam uma cultura. É fato, que esse atributo, a capacidade de autorreflexão, nos dado pelo acaso, nos embriaga de soberba e nos impulsiona a abraçar a desmesura, justificando-a pelo progresso. Com isso, não podemos subestimar a nossa criatividade e achar que não mudaremos o curso da nossa existência. O progresso é uma invenção humana, que nasceu e vive predominantemente nas culturas Ocidentais, o que mostra que não foi sempre assim e, hoje, mesmo sendo predominante, não é a única ideologia que dá sentido ao existir humano em todas as culturas, em todos os lugares.

As vozes dissonantes contra o progresso ganham espaços e buscam alianças. Tem sido recorrente analisar e valorizar outros modos de vida, que refutam o progresso, e estabelecem uma relação menos conflituosa com a natureza ou que encontre a harmonia presente em culturas e civilizações não ocidentalizadas. Práticas de produção de alimentos, de produção de energia, do comunalismo, entre outras, têm uma abrangência de

baixa escala, que, no mínimo, instigam o pensamento daqueles que estão descontentes com a direção dada pelo progresso. Muitos desses descontentes, ou que sofrem diretamente a pressão em seus territórios, só reconhecem na modernidade produção de escombros, ruínas e dor. Outros reconhecem que a ciência moderna, rebento da modernidade e da ideia de progresso, pode ser uma aliada para enfrentar os males que a própria modernidade criou. Coloco-me entre esses.

Tudo indica que a pandemia provocada pelo SARS-CoV-2 não produzirá transformações radicais em nosso modo de vida Ocidental. Presumo que ela só agravou o mal-estar oriundo da modernidade com suas promessas não cumpridas. Ainda creio, porém, que da modernidade, não exclusivamente dela, poderemos extrair as fontes para conter os impulsos humanos mais virulentos embalados pela ideia de progresso. A pandemia nos mostra que podemos fazer um melhor uso da ciência e trabalhar para que ela esteja a serviço das nossas capacidades criativas benéficas, para a coexistência harmoniosa com toda a biodiversidade do planeta, a nos ajudar a romper com a artificial fronteira entre humanos e natureza. Pandemias, desigualdades sociais, descrédito às instituições do sistema político formal, ameaça do colapso climático, seguirão nos atormentando em diferentes graus, mas continuamente. Portanto, julgo necessário e urgente, para conter tantas ameaças e sofrimentos, impulsionar todas as ações que visam soçobrar aquilo que dá vitalidade à modernidade: o progresso. Sem este, provavelmente, a modernidade chegará ao fim. O que parece não ser um problema. Dela devemos extrair somente os meios para reduzir nosso padecimento. Só não podemos, com essa hipotética atitude, esquecer de conter a nossa arrogância, pois a natureza será sempre insubmissa ao anelo de Prometeu.